

Sandra Edler

TEMPOS COMPULSIVOS

A BUSCA DESENFREADA PELO PRAZER



Casa da Palavra

**TEMPOS
COMPUL
—SIVOS**

Sandra Edler

TEMPOS COMPUL —SIVOS

A BUSCA DESENFREADA PELO PRAZER



Casa da Palavra

Copyright © 2017 Sandra Vilma Edler
© 2017 Casa da Palavra/LeYa

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Pesquisa

Júlio Altieri Monteiro
Yago Pereira de Freitas

Preparação

Vera Rodrigues Feitosa
Bárbara Anaissi

Revisão

Ana Kronemberger

Capa

Angelo Bottino

Projeto gráfico

Leandro Dittz

Diagramação

Leandro Collares | Selênia Serviços

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Edler, Sandra
Tempos compulsivos : a busca desenfreada pelo prazer /
Sandra Edler. – Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2017.
176 p.

ISBN 978-85-441-0515-3

1. Psicanálise 2. Comportamento compulsivo 3. Prazer 4.
Cotidiano 5. Estilo de vida 6. Psicanálise e cultura I.
Título

17-0796

CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise e cultura : Comportamento contemporâneo

Todos os direitos reservados à
EDITORA CASA DA PALAVRA
Avenida Calógeras, 6 | sala 701
20030-070 – Rio de Janeiro – RJ
www.leya.com.br

SUMÁRIO

UMA REFLEXÃO SOBRE A BUSCA DESENFREADA PELO PRAZER	9
QUE TEMPOS SÃO ESTES? COMPULSÕES E MAL-ESTAR HOJE	15
UM ESTADO CRÔNICO DE INFELICIDADE	19
A LÓGICA DO EXCESSO	27
UMA CULTURA NARCÍSICA	59
REPETIR MESMO PARA SOFRER	73
QUE FOME É ESSA?	85
PARAÍÇOS ARTIFICIAIS	109
O SUJEITO PROTAGONISTA	147
POSFÁCIO: <i>TEMPOS COMPULSIVOS NÃO SE LÊ APENAS, SE SENTE</i> – POR NINA SAROLDI	157
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	163
AGRADECIMENTOS	171
SOBRE A AUTORA	173

PARA ANTONIO, PEDRO E JOAQUIM

UMA REFLEXÃO SOBRE A BUSCA DESENFREADA PELO PRAZER

Neste livro, parti dos quadros compulsivos que se tornaram muito frequentes no dia a dia de um consultório de psicanálise. Mas uma questão maior se impôs tão logo me voltei aos primeiros depoimentos que recebi de voluntários: a reflexão sobre as atribuições de nossa vida cotidiana nos *tempos compulsivos* que hoje vivemos.

Como se dá a passagem do tempo? De que tempo falamos? Para além de um tempo cronológico, possível de ser mensurado, existe o tempo subjetivo, impalpável, mais perceptível a uns que a outros, como a areia de uma invisível ampulheta que teima em escoar, um pouquinho a cada dia, sinalizando uma perda pouco expressiva, talvez, mas presente a cada comemoração de aniversário ou passagem de ano. O tempo do sujeito está associado à finitude, ele terá um fim. Mas sobrevive o desejo de imortalidade. O homem ganhou

tempo, obteve maior longevidade. E aspira ir ainda mais longe.

Na escuta clínica dos últimos anos, tornou-se muito nítida, no entanto, a queixa constante de que o tempo é curto, a vida não cabe nas 24 horas propostas pelo relógio. Listas intermináveis com itens importantes acabam por ser adiadas para o dia seguinte, com a constatação de que não houve tempo. Pessoas exaustas, sobrecarregadas, agendas lotadas de compromissos. Isso nos leva a interrogar como estamos vivendo e ocupando nossas horas, sobretudo na vida urbana, nos centros, nas grandes cidades. Houve o tempo da carroça, do trem, do carro e do avião. O homem era obediente ao ciclo da natureza, dormia ao escurecer e despertava à primeira claridade da manhã. Hoje subvertemos a noção de dia e noite e usamos, indistintamente, os dois espaços em nossas atividades e lazer. Além disso, tempo real e tempo virtual, presente e futuro, se confundem no mesmo dia. E tornou-se imperativo o conceito de tempo improdutivo.

Nos primeiros anos do século XXI, a tecnologia e a comunicação expandiram-se numa velocidade antes impensável. Na civilização pós-industrial em que vivemos, a velocidade própria à máquina invadiu nossas vidas, impondo extrema aceleração na maneira de viver e de pensar. A aceleração deixou-nos mais ativos, ágeis, abertos a inúmeras possibilidades, sim. Mas qualquer mudança significativa traz consequências externas e internas.

O sujeito e a cultura mantêm entre si permanente interação e, muito rapidamente, aparecem as formações sintomáticas decorrentes das mudanças próprias à época. Neste livro, procurei me debruçar sobre o sujeito contemporâneo, com suas dores e as eventuais relações entre essas dores e as diversas condições sociais do nosso momento. Os quadros compulsivos, de uma maneira geral, cresceram, assim como as depressões, o esvaziamento do sujeito quanto ao seu desejo, a perplexidade diante da vida, a ausência de expectativas, a desesperança e o tédio, como uma imersão num grande vazio. Aumentaram também os quadros extremos de violência do sujeito contra si próprio e contra o outro, o masoquismo e as expressões de destrutividade.

O livro aborda, inicialmente, os nossos tempos, situando configurações possíveis do mal-estar hoje. Em seguida, como esse mal-estar se manifesta no dia a dia do sujeito, as fontes do sofrimento humano, traduzindo também as novas modalidades sintomáticas em resposta às condições externas. Nesse momento, volto a atenção para a cultura em que vivemos. A que modificações nos referimos, como essas mudanças alteraram o ritmo da vida e acabaram por afetar o sujeito em sua subjetividade? Quais os imperativos decorrentes do capitalismo avançado, a força do mercado e as consequências da imersão prolongada numa cultura profundamente consumista? O consumismo participa da ampliação do narcisismo, não apenas trazendo

o desabrochar de patologias específicas, mas também contribuindo para incentivar a infantilização. E adultos infantilizados agem como tiranos.

Em seguida, de forma mais detalhada, apresento como se estrutura o narcisismo desde Freud. E a exposição prossegue abordando o conceito de pulsão. Diferentemente do instinto, a pulsão é um conceito de profunda referência humana, que define a teoria e a prática psicanalíticas. Só mergulhando na dimensão das pulsões torna-se possível haver entendimento das condições em que as compulsões se apresentam e se fixam em cada sujeito. E as bases para seu tratamento.

A partir daí, os demais capítulos incluem depoimentos que possam ilustrar o aparecimento de diversas compulsões, bem como os diferentes caminhos escolhidos por cada sujeito que apresentou aqui sua narrativa. Trato os relatos como cartas, respondendo a um suposto leitor que me conta sua história, e comento cada um deles, não apenas visando a seu destinatário, mas procurando apreender a questão central neles contida. Abro também um espaço para abordar questões ligadas à adolescência, uma época singular da vida, em que conflitos internos se avolumam e crescem as demandas sociais. Isso abre terreno a uma vulnerabilidade para a eclosão de quadros compulsivos, entre outros. E concluo analisando as condições em que o sujeito encontra meios para sua recuperação, deixando o automatismo no qual vivia como um

refém e assumindo a responsabilidade da própria vida e do próprio desejo.

Tempos compulsivos reúne, em suma, as reflexões de uma psicanalista que se mantém ativa há décadas e prossegue, até o momento, sem interrupções. Parte da possibilidade de analisarmos nosso estilo de vida, demandas, respostas automáticas, tudo aquilo que incorporamos ao cotidiano: os imperativos e as injunções que o viver neste começo de milênio nos impuseram e – apesar do curto espaço de tempo – hipóteses possíveis, alternativas e abertura a novas interlocuções.

Não incluímos aqui qualquer material clínico oriundo do consultório. O foco de análise são depoimentos colhidos, sob anonimato, com auxílio de dois pesquisadores. Com eles, podemos refletir, em conjunto, no cenário da vida cotidiana, queixas, lamentos, impasses, fontes de satisfação e dor dos voluntários que foram entrevistados. Eles permitiram uma aproximação mais detalhada ao obscuro universo das compulsões e trouxeram novos elementos para aprofundar o debate sob o pano de fundo da cultura em que vivemos.

A palavra “compulsão” sugere coerção, estar compelido a repetir incessantemente, sem possibilidade de escolha e até mesmo contra a vontade consciente. Uma condição de aprisionamento, nem sempre clara de início.

“O mais complicado é que eu tinha lucidez para identificar o que estava acontecendo e clareza para ver que estava demais. O que me faltava era a força para interromper aquilo.”

QUE TEMPOS SÃO ESTES? COMPULSÕES E MAL-ESTAR HOJE

“Ah, por uma nova sensação física
Pela qual eu possuísse o universo inteiro
Um uno tacto que fizesse pertencer-me
A meu ser possuidor fisicamente,
O universo com todos os seus sóis e suas estrelas
E as vidas múltiplas das suas almas...”

FERNANDO PESSOA

O homem busca o próprio prazer no percurso da vida. Essa condição não é exclusiva do momento atual. Sempre existiu e é perceptível em todas as épocas, desde o início da civilização. Mostra-se, inclusive, nítida nas crianças pequenas quando observamos seu comportamento. No entanto, com as mudanças precipitadas pela pós-modernidade, a velocidade, a aceleração, tudo isso ganhou uma apresentação mais clara e evidente tanto do ponto de vista subjetivo quanto do cenário social no qual se apresentam.

Por que a procura pelo prazer tornou-se tão aguda e desenfreada, a ponto de produzir respostas repetitivas, insistentes? O sujeito estabelece laços compulsivos, por vezes de maneira muito intensa, que produzem, no

conjunto da vida, esvaziamento, estreitamento e redução de horizontes existenciais.

Como definir e contextualizar as compulsões, sintomas muito presentes na vida cotidiana, que se transformaram numa das expressões mais frequentes do mal-estar contemporâneo?

As compulsões não se ligam unicamente às substâncias psicoativas: de uma forma mais ampla podem se estabelecer não apenas frente a elas, mas nos laços do dia a dia, em nossa relação com os alimentos, café, exercícios, dinheiro, compras, uso da internet, jogos, sexo e até mesmo trabalho. Em quaisquer dessas atividades, o que chama atenção nas compulsões é o tipo de relação que o sujeito cria com o objeto, e, não necessariamente, o objeto em si. A resposta automática e o vínculo de dependência, somados, produzem um efeito de *apequena-mento e redução do sujeito* em suas escolhas e decisões.

A palavra “compulsão” sugere coerção, estar compelido a repetir incessantemente, sem possibilidade de escolha e até mesmo contra a vontade consciente. Uma condição de aprisionamento, nem sempre clara de início, que, possivelmente, teve como fator desencadeante a busca legítima do prazer, e acentuou-se de tal maneira que, nesse percurso, o sujeito tornou-se refém. Aquilo que se endereçava antes ao prazer transformou-se em algo indispensável para ele continuar a viver.

Mas nem todas as compulsões são malvistas socialmente. Algumas são acolhidas com bons olhos,

sobretudo aquelas ligadas ao trabalho, ao estudo e ao exercício físico. Outras passam despercebidas ao olhar, como ocorre com certos hábitos alimentares: café e chocolate são bons exemplos. Outras, entretanto, provocam franca rejeição, como é o caso da dependência do álcool e das drogas, sobretudo em casos de descontrole.

Que fatores podem ser relacionados ao crescimento dos quadros compulsivos? Por que as compulsões se tornaram mais frequentes e, além disso, tão exacerbadas que assistimos, cada vez mais, a sujeitos em situações-limite, vivendo de modo explicitamente destrutivo? Haverá, em nosso *modus vivendi*, hábitos e costumes, algo que possa ser pensado como possíveis agentes ou ainda fatores específicos que contribuam para a multiplicação dos casos de compulsão?

A interrogação se volta, em particular, para o tempo e o movimento compulsivos: como passamos, em alguma medida, a viver compulsivamente? Como as compulsões se atrelaram ao dia a dia e que efeito produzem? Como se dá a submissão do sujeito a um estado de dependência e engessamento? Em algum momento ultrapassa-se a linha tênue e não se trata mais de um hábito introduzido pelo sujeito, mas de algo que, uma vez posto, passa a regê-lo. É como um hóspede, que acolhemos com encantamento e traz brilho ao cotidiano, mas depois se torna o dono da casa.

Como psicanalista, observo o aspecto singular que se apresenta no relato de cada analisando que recebo,

mas meu olhar não alcança apenas aquela singularidade, e, sim, um conjunto mais amplo, a família, os valores, a geração, o universo particular onde transita. No horizonte, uma reflexão maior se delinea: o que podemos refletir sobre o nosso tempo?

Acredito ser possível visualizar a cultura e uma parte de nossa época por meio do discurso dos sujeitos em análise. E o próprio sintoma acaba por expressar um *rostro*, as feições de um determinado momento histórico com suas crenças e valores.

Meu referencial e base de trabalho é a clínica psicanalítica, mas é impossível não observar em tanto tempo de estrada as mudanças vertiginosas ocorridas nos últimos anos. Transformações sociais que acarretam outras tantas no ritmo e no estilo de vida terão repercussão na subjetividade? Na própria configuração do sintoma psíquico? O que podemos refletir sobre a ampliação dos quadros compulsivos? O que essa reflexão pode trazer para uma análise da forma atual de viver? Quadros compulsivos numa cultura também compulsiva? O tempo do sujeito é precipitado e, muitas vezes, atropelado pelo tempo da vida social.